

## IMPLICAÇÕES DO RACISMO NO PROCESSO EDUCATIVO DE ESTUDANTES NEGROS

**Dra. Patrícia Modesto Matos**  0000-0002-3763-7895

**Dra. Dalila Xavier de França**  0000-0002-0431-3034

Universidade Federal de Sergipe

**RESUMO:** O presente estudo é fruto de uma pesquisa mais ampla desenvolvida durante o mestrado e tem como objetivo verificar as implicações do racismo na trajetória escolar dos estudantes negros oriundos de escolas públicas no interior do estado da Bahia e de Sergipe. Tivemos o apoio teórico de estudos desenvolvidos acerca dos efeitos do racismo na trajetória escolar dos discentes. Utilizamos o *Software* SPSS para analisar as respostas de 120 alunos inseridos nos anos finais do ensino fundamental. Os dados foram analisados mediante a associação da cor da pele com a

experiência de racismo e o desempenho escolar. Evidenciamos que não houve diferença significativa na experiência de racismo, tão pouco no desempenho escolar dos estudantes negros quando comparados com os brancos. Contudo, identificamos que quanto mais o aluno percebe que foi alvo de racismo, maior o atraso em sua escolaridade. Assim, além de investigar as disparidades no desempenho escolar de alunos negros e brancos, sugerimos que pesquisas futuras se debruçam acerca do modo como o racismo opera na produção do fracasso escolar.

**PALAVRAS-CHAVE:** Escola; Desempenho escolar; Racismo.

## IMPLICATIONS OF RACISM IN THE EDUCATIONAL PROCESS OF BLACK STUDENTS

**ABSTRACT:** The present study is the result of a broader research developed during the master's degree and aims to verify the implications of racism in the school trajectory of black students from public schools in the interior of the state of Bahia and Sergipe. We had the theoretical support of studies developed on the effects of racism on the students' school trajectory. We used the SPSS Software to analyze the responses of 120 students enrolled in the final years of elementary school. The data were analyzed through the association of skin color with the

experience of racism and educational achievement. We showed that there was no significant difference in the experience of racism, nor in the educational achievement of black students when compared to whites. However, we identified that the more the student perceives that he was the target of racism, the greater the delay in his schooling. Thus, in addition to investigating the disparities in educational achievement of black and white students, we suggest that future research should focus on how racism operates in the production of school failure.

**KEYWORDS:** School; Educational achievement; Racism.



## 1 INTRODUÇÃO

Por muito tempo, a população negra foi cerceada de exercer o direito à educação, seja por meio de mecanismos legais (SANTOS *et al.*, 2013), por dificuldades impostas à permanência no espaço escolar (BARROS, 2005) ou pelo apagamento das contribuições desse grupo na construção da sociedade brasileira (NOGUEIRA; GUZZO, 2017). Observa-se que esse cerceamento repercute até hoje, evidenciando-se na impossibilidade de exercer o direito à educação formal que afeta 5,6% dos estudantes brancos e 7,0% dos negros, perfazendo 6,5% das crianças e adolescentes brasileiros com idades entre 4 a 17 anos (UNICEF, 2017). Esse contexto também é uma realidade no estados da Bahia e de Sergipe, onde, entre os municípios, há índices significativos de discentes negros e brancos, em idade escolar, fora da escola (UNICEF, 2020).

O trabalho infantil tem sido considerado um dos responsáveis pelo fracasso no processo educativo de estudantes brasileiros (ARTES; CARVALHO, 2016). Pois, afeta mais as crianças negras (64,1%) do que as crianças brancas (35,9%), e mais os meninos (65,3%) do que as meninas (34,7%) na faixa etária dos 5 aos 17 anos de idade (IBGE, 2018). Visto que, diante da pobreza que assola grande parte da população negra, as famílias necessitam da ajuda dos filhos para contribuir com a renda da casa. Conseqüentemente, os discentes frequentam as aulas de forma esporádica e quando vão à escola o cansaço compromete a aprendizagem ou até mesmo acabam por trocar a escola pelo trabalho. Outro ponto envolve as crianças da zona rural que tendem a enfrentar ainda mais desafios para chegar à escola (UNICEF, 2017).

O processo educativo dos estudantes negros está fortemente marcado pelo racismo. Este fenômeno pode ser observado na atenção reduzida às crianças negras inseridas na educação infantil, nos rótulos direcionados aos alunos negros como indisciplinados, quando os docentes embranquecem os discentes negros que têm melhor desempenho e no estranhamento ao encontrar esses sujeitos em espaços que antes eram ocupados por estudantes brancos. Ademais, o racismo



favorece os maiores índices de evasão, reprovação e fracasso escolar no processo educativo dos alunos negros (MATOS; FRANÇA, 2019).

Diante disso, o presente estudo teve o objetivo de verificar as implicações do racismo na trajetória escolar dos estudantes negros inseridos nos anos finais do ensino fundamental em escolas públicas no interior do estado da Bahia e de Sergipe. Também, buscou responder às seguintes questões: Será que, no contexto pesquisado, os alunos percebem que são alvos do racismo? Os discentes negros apresentam desempenho escolar inferior aos alunos brancos? E o racismo causa prejuízos no rendimento escolar dos alunos?

Assim sendo, as hipóteses suscitadas são: H1) Os alunos negros terão mais experiências de racismo no contexto escolar do que os brancos; H2) Os estudantes negros apresentarão desempenho escolar inferior aos brancos; e H3) Os alunos que vivenciam situações de racismo apresentarão desempenho escolar inferior aos que não vivenciam. Logo, se confirmadas, podem contribuir para a ampliação dos questionamentos acerca das práticas educativas e das políticas públicas que visam à redução do racismo e das desigualdades escolares entre os grupos.

## 2 REVISÃO DA LITERATURA

### 2.1 Racismo e seus efeitos no desempenho escolar de alunos negros

Em muitos contextos, o fracasso escolar dos estudantes negros não é atribuído ao racismo que ocorre nas escolas, mas a fatores que envolvem questões econômicas e familiares. Ou seja, o estudante apresenta um desempenho escolar abaixo do esperado por estar inserido em uma família vulnerável ou porque precisa trabalhar para garantir a subsistência (VALVERDE; STOCCO, 2009). Por outro lado, é possível identificar estudos que expõem os prejuízos das práticas racistas vivenciadas pelo aluno negro na escola, principalmente relacionadas aos altos índices de evasão e ao sentimento de não pertencer ao espaço escolar (SCHOLZ; SILVEIRA; SILVEIRA, 2014).



A implicação do preconceito racial nas diferenças de desempenho escolar entre discentes negros e brancos foi analisada por Silveira *et al.* (2015), que avaliaram uma amostra de alunos dos anos iniciais do ensino fundamental de escolas públicas e privadas de Salvador (BA) no decorrer de quatro anos. Essas instituições participaram do Projeto Estudo Longitudinal da Geração Escolar 2005 (GERES), na capital baiana entre 2005 e 2007. Inicialmente, os resultados foram obtidos por meio do tratamento do banco de dados do projeto GERES; em seguida, selecionaram para as entrevistas, as escolas com maiores disparidades no rendimento escolar de alunos brancos e negros. Os resultados indicaram que os estudantes negros obtiveram desempenho escolar inferior aos alunos brancos. Contudo, essa realidade muda quando observado o desempenho das crianças negras com nível socioeconômico mais alto. Em relação às instituições que fizeram parte da amostra, as práticas racistas aparecem de forma explícita ou dissimulada, seja por meio da relação aluno-aluno e aluno-professor ou nos instrumentos utilizados como recursos didáticos (cartazes, murais, entre outros). Mesmo após as ações promovidas pelo projeto, os docentes precisam adquirir mais preparo e serem estimulados a trabalhar com as questões raciais nas escolas.

Chagas e França (2010) também desenvolveram uma pesquisa para analisar a influência do preconceito racial na escolarização de crianças em Sergipe. As autoras observaram o histórico escolar de 40 estudantes de ambos os sexos inseridos no 5º ano do ensino fundamental em uma escola pública. Como resultado, identificaram que os discentes negros e pardos apresentavam desvantagem por ter um processo educativo marcado por um histórico de repetência, distorção idade-série e evasão escolar quando comparados aos estudantes brancos.

Além disso, pesquisas mostram que o desempenho escolar dos discentes negros também está relacionado ao modo como os professores os avaliam. Tal contexto foi evidenciado por Carvalho (2005) e França (2017). A primeira identificou que os professores costumam classificar como mais brancos os alunos



que apresentam melhor desempenho escolar e tendem a escurecer aqueles incluídos no grupo dos indisciplinados. Já a segunda, observou que os docentes costumam atribuir notas mais elevadas às atividades desenvolvidas pelos alunos brancos do que pelos alunos negros. Destaca-se também, o uso de estereótipos utilizados pelos docentes para justificar a avaliação atribuída aos sujeitos, ou seja, aos estudantes negros a nota está relacionada ao esforço em realizar a tarefa, enquanto que ao grupo branco os critérios exaltam a capacidade de pensar e agir de forma inteligente.

Assim, diante da complexidade que envolve o desempenho escolar, Mahendra e Marin (2015) analisaram setenta artigos de vinte países que se dedicaram a investigar a relação do ambiente familiar com o desempenho escolar de alunos da educação básica. A pesquisa revelou que os estudos têm mensurado o desempenho escolar por meio de notas, quantidade de reprovações, quantidade de anos de estudos completos em uma determinada idade, resultados obtidos em testes padronizados, entre outros. Também tem sido designado por vários termos como fracasso e sucesso escolar ou como baixo ou alto desempenho escolar. Ademais, identificou a importância do meio familiar para que os discentes apresentem um bom êxito no processo educativo.

Atualmente, os órgãos normativos da educação brasileira têm utilizado alguns instrumentos avaliativos para verificar a qualidade da educação, são os seguintes: Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica (SAEB); Exame Nacional de Desempenho dos Estudantes (Enade); Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM). Esses dispositivos, apesar de utilizar medidas quantitativas para avaliar o desempenho escolar dos alunos brasileiros, contribuem para a elaboração de ferramentas que auxiliam na identificação de variáveis relacionadas ao processo educativo, a exemplo, encontra-se o SAEB que verifica a proficiência em Matemática e Língua Portuguesa de estudantes do 5º ao 9º ano e do 3º ano do ensino médio (INEP, 2018).

O desempenho escolar é um fenômeno complexo que envolve variáveis de natureza individual, cultural, social, econômica, escolar e familiar. Em outras



palavras, o desempenho escolar pode ser predito por variáveis de cunho psicológico e social, no âmbito interno ou externo ao sujeito. No que diz respeito às de ordem internas, podemos destacar as crenças, valores, bem-estar subjetivo e autoestima; e às externas são os estilos parentais, o nível educacional da família, as expectativas dos professores, estrutura física das escolas e o nível educativo do país (FONSECA, 2008).

Segundo Fonseca (2008) o bom desempenho escolar é observado quando o estudante apresenta uma trajetória escolar em que adquire conhecimentos e habilidades pessoais e sociais correspondentes ao nível educacional estipulado. Assim sendo, são características imprescindíveis para que o aluno atinja o desenvolvimento satisfatório na vida escolar, social e profissional. Contudo, há educandos que não alcançam as exigências colocadas pela sociedade, sendo marcados pelo fracasso escolar.

Os alunos com bom desempenho escolar costumam ter boa saúde e demonstram felicidade, satisfação e sucesso nos diversos âmbitos da vida, seja acadêmico, social e familiar. Além disso, alcançam notas altas nas avaliações escolares, estão envolvidos nas atividades promovidas pela escola, evidenciam um bom ajustamento escolar e têm bom apoio social e familiar. Por outro lado, os estudantes que apresentam baixo desempenho acadêmico percebem-se como diferentes, preocupados, insatisfeitos, ansiosos, acham-se inferiores e identificam em si mesmos problemas de ordem escolar, social e familiar (STEVANATO, 2003).

## 2.2 Políticas e soluções para atenuar as desigualdades escolares e o racismo

Dentre as propostas que permitem um cenário diferente para a educação está a implantação do ensino fundamental de nove anos que contribui de forma expressiva para que os cidadãos menos favorecidos tenham a possibilidade de mudar os aspectos que historicamente limitaram o acesso e a permanência desse grupo ao processo educativo formal. Trata-se de um feito histórico influenciado pelas novas conjecturas econômicas, sociais e culturais que possibilita aumento



do acesso e da ampliação da escolaridade obrigatória (MAINARDES; STREMEL, 2012). Nessa proposta a criança com 6 anos de idade deve ingressar no 1º ano do ensino fundamental e concluir o 9º ano até os 14 anos de idade. Caso isso não ocorra e o estudante apresente mais de 2 anos de atraso na escolarização, o mesmo é inserido nas taxas de distorção idade-série. Esse indicador da educação é calculado a partir de dados obtidos no Censo Escolar (UNICEF, 2018).

Além da medida citada, outras também têm contribuído para que os alunos permaneçam no ambiente escolar e, conseqüentemente, tenham um processo educativo menos problemático. Conforme podemos observar o Programa de Erradicação do Trabalho Infantil (PETI) e o Programa Bolsa Família. O primeiro foi criado com o objetivo de combater a exploração do trabalho de crianças e adolescentes, garantindo que frequentem a escola. Enquanto que, o segundo foi elaborado com o propósito de garantir uma renda para que as famílias mais vulneráveis tenham direito à alimentação e também o acesso à educação e à saúde. Em 2005, o PETI foi integrado ao Programa Bolsa Família com o intuito de promover mudanças na gestão dos programas e ampliar a quantidade de usuários (BRASIL, 2020). Sendo que os principais beneficiários desse programa estão na região Norte e Nordeste, com a faixa etária entre 0 a 19 anos, sendo 0,10% dos declarados amarelos, 0,23% dos brancos, 1,46% dos indígenas, 1,28% dos pardos e 1,04% dos negros (FGV, 2018).

Ademais, as políticas afirmativas também têm produzido mudanças dentro das escolas. Conforme podemos observar no estudo conduzido por Carvalho e França (2019), o qual identificou que essas instituições têm utilizado estratégias para reduzir o racismo e suas conseqüências no ambiente escolar. Sendo que, as principais estratégias de enfrentamento ao racismo utilizadas pela escola estão relacionadas à formação docente, à implementação da Lei 10.639/2003, à modificação nos livros didáticos, a políticas públicas e às mudanças nos currículos. Contudo, mesmo diante de um cenário mais promissor, é necessário continuar promovendo e fiscalizando as ações implementadas, tendo em vista que o racismo continua presente nesses espaços.



## 2.3 Experiência de racismo na escola

O racismo é experienciado no contexto escolar por meio de brincadeiras, piadas, apelidos pejorativos e xingamentos por parte de alunos e professores (RODRIGUES, 2018). Evidenciando-se para além das relações entre os agentes no âmbito escolar, o racismo utiliza várias facetas e percorre todo o processo de escolarização, sendo atrelado ao sucateamento das escolas públicas, na desmotivação de professores, alunos e pais (REITER, 2008), por meio da falta de rigor na elaboração e certificação das informações cadastradas na implementação de escolas quilombolas (SANTOS *et al.*, 2019), nas imagens estereotipadas que foram enraizadas no imaginário dos educandos exibindo o negro numa condição de inferioridade (ROZA, 2017) e nas formas diferenciadas de avaliar alunos negros e brancos (FRANÇA, 2017).

Além do mais, esse fenômeno apresenta diversas consequências, por exemplo: colabora para que os sujeitos almejem ter as características físicas do grupo branco por este ser mais valorizado socialmente (MOREIRA; AGUIAR, 2015); influencia no modo como os alunos negros se percebem (SANTOS, 2018); silencia o ensino das religiões afro-brasileiras nas escolas (RUSSO; ALMEIDA, 2016); entre outras. Assim, a percepção da discriminação racial, seja no ambiente de aprendizagem formal ou em outros espaços, pode afetar as crenças e atitudes dos alunos sobre a escola, bem como o seu rendimento escolar (BANERJEE; BYRD; ROWLEY, 2018).

## 3 MÉTODO

### 3.1 Amostra

Este trabalho resultou de uma pesquisa mais ampla desenvolvida durante o mestrado, no qual investigamos a percepção de docentes e discentes em relação à socialização étnico-racial, bem como os fatores que implicariam na promoção



dessas ações nas escolas. No presente artigo analisamos as respostas de 120 estudantes matriculados nos anos finais do ensino fundamental de seis escolas localizadas em municípios no interior do estado da Bahia e de Sergipe acerca das implicações do racismo no desempenho escolar.

Das instituições, três estão localizadas na zona urbana, ofertam turmas que compreende o ensino fundamental e assistem alunos que residem na cidade e na zona rural e as demais estão situadas na zona rural compreendendo desde a educação infantil aos anos finais do ensino fundamental. Destaca-se que, em 2019, as instituições municipais que ofertam os anos finais do ensino fundamental em Simão Dias (SE) registraram um Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB) de 3,9% e 4,1% em Paripiranga (BA), com uma taxa de aprovação de 75,8% e 81,0% respectivamente (INEP, 2019). Ademais, no censo realizado em 2018, Paripiranga/BA apresentou a taxa de distorção idade-série para os anos finais do ensino fundamental de 49% e Simão Dias/SE a taxa de 56% (QEDU, 2019).

A faixa etária dos discentes variou entre 11 e 18 anos ( $M = 13,5$ ;  $DP = 1,6$ ), sendo que 25,8% estão cursando o 6º ano, 25%, o 7º ano, 24,2%, o 8º ano e 25%, o 9º ano. Em relação ao sexo dos participantes, 45% (63) eram do sexo feminino e 55% (77) do sexo masculino. A cor da pele foi avaliada por meio de uma escala *Likert* com 7 pontos, sendo 1, o tom de pele mais claro e 7, o tom de pele mais escuro. Na composição da cor da pele, as opções 1, 2 e 3 foram categorizadas como brancas e 4, 5, 6 e 7 como negras, de modo que 45% (54) autodeclararam-se brancos e 55% (66) autodeclararam-se negros.

## 3.2 Procedimentos

O presente estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos (CEP), sob o parecer 3.471.242. Em seguida, buscou-se a autorização do representante legal das escolas e dos discentes. Após o consentimento, o instrumento foi apresentado e aplicado nas turmas



disponibilizadas por cada instituição, durante o turno matutino e vespertino, quando os docentes interromperam as atividades por cerca de vinte minutos para que os participantes pudessem assinar o Termo de Assentimento Livre e Esclarecido e responder às questões.

### 3.3 Instrumentos

O instrumento utilizado para coletar os dados foi um questionário que versava sobre a experiência de racismo e o desempenho escolar. Na elaboração do instrumento considerou-se os estudos realizados sobre os efeitos do racismo na trajetória escolar dos discentes. O questionário foi pré-testado com estudantes nos anos finais do ensino fundamental, seguindo o procedimento similar ao estudo principal, com a finalidade de verificar o tempo necessário para o preenchimento, as possíveis ambiguidades ou questões de difícil entendimento e a ratificação das respostas a todos os quesitos. Após o retorno dos alunos que participaram do pré-teste, percebeu-se a necessidade de incluir mais perguntas no questionário para ampliar o leque de informações. Em seguida, o instrumento foi submetido novamente ao pré-teste e não houve mais nenhuma alteração.

A experiência de racismo foi aferida por meio de duas questões que foram respondidas utilizando uma escala *Likert* de cinco pontos, considerando a frequência de ocorrência do evento racista pelos alunos. Quanto maior o valor, mais o evento ocorre: (1) nunca, (2) raramente, (3) às vezes, (4) frequentemente, (5) sempre. As questões são as seguintes: “Você já foi maltratado(a) por causa da sua cor de pele ou por causa do seu cabelo? Você deixaria de ir à escola se fosse maltratado (a) por causa da cor da sua pele ou por causa do seu cabelo?” Em seguida, procedeu-se à construção do indicador de experiência de racismo por meio do somatório e da extração da média do conjunto de itens.

Para aferir o desempenho escolar observou-se a idade adequada em que o estudante deve cursar cada ano da educação básica. Para que não ocorra distorção idade/série, a faixa etária sugerida para a segunda etapa do ensino



fundamental compreende dos 11 aos 14 anos. Desse modo, o estudante deve iniciar o ano letivo com 11 anos de idade no 6º ano, 12 anos para quem ingressar no 7º ano, 13 anos para os discentes que adentrar no 8º ano e ter 14 anos para quem vai iniciar o 9º ano (UNICEF, 2018). Em seguida, as variáveis idade e ano escolar foram analisadas para especificar o desempenho escolar dos participantes, que está configurado em três grupos: 1) Abaixo do esperado, para o aluno que registrou a idade maior do que a desejada para estar no ano escolar; 2) Dentro do esperado, para os discentes que apresentam a idade dentro da faixa etária indicada para cursar cada ano; e 3) Acima do esperado, para os estudantes que têm idade inferior a sugerida para frequentar cada ano do ensino fundamental.

## 4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

O presente estudo teve o objetivo de verificar as implicações do racismo na trajetória escolar dos estudantes negros inseridos nos anos finais do ensino fundamental de escolas públicas no interior do estado da Bahia e de Sergipe. A seguir, descreveremos e discutiremos os resultados que serão organizados conforme as hipóteses elencadas anteriormente.

Em relação à primeira hipótese, testamos se os estudantes negros teriam mais experiências de racismo no contexto escolar do que os brancos, realizamos uma análise de variância (ANOVA), adotando o racismo experienciado como variável dependente e a cor da pele como variável independente. Os resultados evidenciam que não há diferença significativa entre a experiência de racismo vivenciada pelos alunos brancos e negros  $F(1,118) = .547; p = .461$  ( $M_{branco} = 1.74$ ,  $DP = .90$ ;  $M_{negro} = 1.85$ ,  $DP = .80$ ). Talvez, este resultado sugira que o racismo não é um fenômeno presente nessas instituições. Contudo, na contemporaneidade, devido às influências das políticas antirracistas, as formas tradicionais estão sendo substituídas pelas novas formas de expressão do racismo que são mais difíceis de serem identificadas (LIMA; VALA, 2004). Por outro lado, esses achados



podem ser reflexos das práticas educativas impulsionadas pela promulgação da Lei 10.639/2003.

A segunda hipótese pressupunha que os estudantes negros apresentariam desempenho escolar inferior aos brancos. Uma análise de frequência incluindo toda a amostra considerando o desempenho escolar, evidenciou que 25% (30) dos estudantes apresentam desempenho abaixo do esperado, 65,8% (79) estudantes apresentam desempenho dentro do esperado e 9,2% (11) estudantes apresentam desempenho acima do esperado. Verificou-se a partir do teste qui-quadrado que não há associação entre a cor da pele e o desempenho escolar dos estudantes que participaram da amostra,  $X^2(2) = 0,650$ , com  $p = .723$  e  $V$  de Cramer = .074. Os resultados refutam a hipótese de que os estudantes negros apresentariam desempenho escolar inferior aos alunos brancos.

Acreditamos que a ausência de disparidade significativa entre o desempenho escolar de alunos negros e brancos pode ser reflexo das medidas tomadas pelo Governo Federal como a implantação do ensino fundamental de nove anos (MAINARDES; STREMELE, 2012) e dos programas sociais que combatem o trabalho infantil e garantem o acesso e a permanência nas escolas (BRASIL, 2020). Ademais, pode estar relacionado a forma como essa variável foi mensurada (MAHENDRA; MARIN, 2015) e também ao modo como a cor autoatribuída, no Brasil, na maioria das vezes, sofre o efeito do branqueamento (TURRA; VENTURI, 1995). Apesar de que, nos últimos anos, muitos brasileiros impulsionados pela mudança cultural têm mudado a forma como se autodeclaravam (MARIANO, 2012).

No que concerne à terceira hipótese, realizamos uma regressão linear simples com o indicador de racismo experienciado como variável preditora e o desempenho escolar como a variável dependente. Os resultados indicam que a experiência de racismo prediz de modo significativo e positivo o atraso escolar, ou seja, quanto mais o aluno percebe que foi alvo de racismo, maior o atraso em sua escolaridade  $F(1,118) = 4.683$ ;  $p = .032$ ;  $R^2 = .038$ . Assim, os achados confirmam a hipótese que os alunos que vivenciam situações de racismo apresentariam



desempenho escolar inferior comparativamente com aqueles que não vivenciam. Estes resultados corroboram a literatura que aponta o racismo como um prejudicial ao desempenho escolar dos estudantes, principalmente, daqueles inseridos no grupo negro (CHAGAS; FRANÇA, 2010; MATOS; FRANÇA, 2019; SILVEIRA *et al.*, 2015).

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como objetivo verificar as implicações do racismo na trajetória escolar dos estudantes negros inseridos nos anos finais do ensino fundamental de escolas públicas no interior do estado da Bahia e de Sergipe. Para tanto, foram realizados alguns testes, os quais elucidaram que os alunos vivenciam raras situações racistas em suas escolas, ou seja, eles não se percebem alvos frequentes do racismo que permeia o espaço escolar. Além disso, percebemos que não há disparidade entre o desempenho escolar dos alunos negros e brancos. Contudo, o racismo interfere no rendimento dos alunos, pois conforme a experiência de racismo aumenta, maior atraso escolar o discente apresenta.

Diante dessa realidade, consideramos fundamental que a escola desenvolva ações que combatam o racismo e valorizem a população negra. Nessa perspectiva, os professores podem destacar, em meio ao conteúdo curricular, os aspectos positivos relacionados à população negra; discutir sobre o processo histórico que resultou nos aspectos negativos que permeiam o povo negro; desenvolver projetos que envolvam a comunidade, proporcionando a troca de saberes; destacar personalidades negras de relevância nacional e internacional (intelectuais, artistas, cientistas, esportistas, etc.); entre outros. Ao tempo que desenvolve as ações que combatem o racismo, os docentes também implementam a Lei 10.639/2003.

Com isso, acreditamos que este trabalho contribui para que estudantes, professores e comunidade escolar desenvolvam práticas educativas focadas na



redução do racismo, favoreçam relações étnico-raciais mais respeitáveis entre os sujeitos no ambiente escolar e possibilitem que os alunos negros tenham uma trajetória escolar menos acidentada. Ao mesmo tempo, contribui para a ampliação dos estudos nacionais acerca do racismo e das implicações deste na trajetória escolar de estudantes negros. Por outro lado, devido à localização geográfica da pesquisa, os resultados explanados neste trabalho podem ser característicos dessas populações, restringindo, portanto, sua capacidade de generalização. Convém, então, a realização de estudo semelhante em outras realidades, a fim de fortalecer esses achados.

Enfim, além dos aspectos abordados neste trabalho, estudos futuros podem investigar a percepção dos alunos acerca do racismo a partir das seguintes indagações: Como o racismo opera na produção do fracasso escolar? Suas ações fundamentam-se nos efeitos psicológicos produzidos no indivíduo, como a baixa autoestima, insegurança emocional; ou outros eventos do contexto social podem estar implicados, como a defasagem socioeconômica, apoio dos cuidadores; ou cognitivos, como ausência de habilidades meta-cognitivas, déficits de atenção, etc.? Assim, novas pesquisas poderão contribuir para ampliar o debate acerca do racismo e favorecer a produção de mecanismos com vistas a combatê-lo.

## REFERÊNCIAS

ARTES, A. C. A.; CARVALHO, M. P. O trabalho como fator determinante da defasagem escolar dos meninos no Brasil: mito ou realidade? **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 34, p. 41-74, 2016. Acesso em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-83332010000100004](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-83332010000100004). Acesso em: 09 ago. 2019.

BANERJEE, M.; BYRD, C.; ROWLEY, S. The relationships of school-based discrimination and ethnic-racial socialization to African American adolescents' achievement outcomes. **Soc. Sci**, [s. l.], v. 7, n. 208, p. 1-19, 2018. Disponível em: <https://www.mdpi.com/2076-0760/7/10/208>. Acesso em: 10 jan. 2020.

BARROS, S. A. P. Discutindo a escolarização da população negra em São Paulo entre o final do século XIX e início do século XX. In: ROMÃO, J. (Org.). **História**



**da Educação do Negro e outras histórias.** Brasília: MEC/SECAD, 2005. p.79-92.

BRASIL. **Portal do Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome – MDS.** 2020. Disponível em: <http://mds.gov.br/assistencia-social-suas/servicos-e-programas/peti>. Acesso em: 05 ago. 2020.

CARVALHO, D. M. S.; FRANÇA, D. X. Estratégias de enfrentamento do racismo na escola: uma revisão integrativa. **Revista Educação e Formação**, Fortaleza, v. 4, n. 12, p. 148-168, 2019. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/redufor/article/view/974>. Acesso em: 10 jul. 2020.

CARVALHO, M. Quem é negro, quem é branco: desempenho escolar e classificação racial de alunos. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 28, p. 77-95, 2005. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-24782005000100007&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782005000100007&lng=en&nrm=iso). Acesso em: 17 jul. 2019.

CHAGAS, L.C.; FRANÇA, D.X. Racismo, preconceito e trajetória escolar de crianças negras e brancas: a realidade de Sergipe. *In: IV Colóquio Internacional Educação e Contemporaneidade*, 2010, São Cristóvão. **Anais [...]**. São Cristóvão, SE: UFS, 2010. Disponível em: [http://educonse.com.br/2010/eixo\\_11/e11-36.pdf](http://educonse.com.br/2010/eixo_11/e11-36.pdf). Acesso em: 18 set. 2018.

FGV. Quem são os principais beneficiários do Bolsa Família? **FGV SOCIAL:** Centro de Políticas Sociais. Rio de Janeiro, 2018. Disponível em: <https://cps.fgv.br/quem-sao-os-principais-beneficiarios-do-bolsa-familia>. Acesso em: 06 nov. 2020.

FONSECA, P. N. **Desempenho acadêmico de adolescentes:** proposta de um modelo explicativo. 2008. Tese (Doutorado em Psicologia Social) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, PB, 2008. Disponível em: <https://docplayer.com.br/67676514-Desempenho-academico-de-adolescentes-proposta-de-um-modelo-explicativo.html>. Acesso em: 10 jul. 2019.

FRANÇA, D. X. Discriminação de crianças negras na escola. **Revista Interacções**, [s. l.], v.13, n. 45, p. 151-171, 2017. Disponível em: <https://revistas.rcaap.pt/interaccoes/article/view/9476>. Acesso em: 17 abr. 2019.

IBGE. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios.** 2018. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=2101657>. Acesso em: 24 mar. 2020.



INEP. **Avaliações da aprendizagem**. Brasília: MEC, 2018. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/educacao-quilombola-/190-secretarias-112877938/setec-1749372213/18843-avaliacoes-da-aprendizagem>. Acesso em: 05 ago. 2019.

INEP. **Indicadores educacionais**. Brasília: MEC, 2019. Disponível em: <http://inep.gov.br/educacao-basica/ideb/resultados>. Acesso em: 05 ago. 2019.

LIMA, M. E. O.; VALA, J. As novas formas de expressão do preconceito e do racismo. **Estudos de Psicologia**, Natal, v. 9, n. 3, p. 401-411, 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/epsic/v9n3/a02v09n3.pdf>. Acesso em: 11 fev. 2019.

MAHENDRA, F.; MARIN, A. H. Ambiente familiar e desempenho escolar: uma revisão sistemática. **Psicol. educ.**, São Paulo, n. 40, p. 41-57, 2015. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1414-69752015000100004&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-69752015000100004&lng=pt&nrm=iso). Acesso em: 8 ago. 2019.

MAINARDES, J.; STREMEL, S. A organização da escolaridade em ciclos no contexto do ensino fundamental de nove anos: reflexões e perspectivas. **Jornal de Políticas Educacionais**, [s.l.], v. 6, n. 11, 2012. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/jpe/article/view/22150>. Acesso em: 20 ago. 2019.

MARIANO, J. **Cresce o número de pessoas que se autodeclararam negras, segundo o IBGE**. 2012. Disponível em: <http://www.palmares.gov.br/?p=21203>. Acesso em: 27 jan. 2020.

MATOS, P. M.; FRANÇA, D. X. **Racismo e escolarização**: formas e consequências na trajetória escolar de alunos negros. In: XIII Colóquio Internacional Educação e Contemporaneidade, 2019, São Cristóvão. **Anais** [...]. São Cristóvão, SE: UFS, 2019. Disponível em: [http://anais.educonse.com.br/2019/racismo\\_e\\_escolarizacao\\_formas\\_e\\_consequencias\\_na\\_trajetoria\\_esc.pdf](http://anais.educonse.com.br/2019/racismo_e_escolarizacao_formas_e_consequencias_na_trajetoria_esc.pdf). Acesso em: 03 ago. 2020.

MOREIRA, M. F. S.; AGUIAR, D. M. S. Pobreza, raça e cor da pele: percepções e relações entre crianças nos espaços escolares. **Revista Eletrônica de Educação**, v. 9, n. 3, p. 143-161, 2015. Disponível em: [www.reveduc.ufscar.br/index.php/reveduc/article/download/1154/441](http://www.reveduc.ufscar.br/index.php/reveduc/article/download/1154/441). Acesso em: 10 ago. 2019.

NOGUEIRA, S.; GUZZO, R. Que educação das relações étnico-raciais queremos no século XXI? Uma leitura psicossocial e crítica da desumanização eurocêntrica e racista. **Revista ABPN**, v. 9, n. 22, p. 409-431, 2017. Disponível em: <http://www.abpnrevista.org.br/revista/index.php/revistaabpn1/article/view/375>. Acesso em: 10 ago. 2018.



QEDU. Fundação Lemann e Meritt. **Dispõe de informações sobre o aprendizado em cada escola, município e estado do Brasil.** 2019. Disponível em: <https://www.qedu.org.br/>. Acesso em: 20 ago. 2019.

REITER, B. Education reform, race, and politics in Bahia, Brazil. **Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 58, p. 125-148, 2008. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-40362008000100009&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-40362008000100009&lng=en&nrm=iso). Acesso em: 17 jul. 2019.

RODRIGUES, G. F. O que há por trás do fracasso escolar de crianças negras. In: V CEDUCEE, 2018, Niterói. **Anais** [...] Niterói: Editora Realize, 2018. Disponível em: <http://www.editorarealize.com.br/revistas/ceduce/anais.php>. Acesso em: 10 ago. 2019.

ROZA, L. M. Abordagens do racismo em livros didáticos de História (2008-2011). **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 42, n. 1, p. 13-34, 2017. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S2175-62362017000100013&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2175-62362017000100013&lng=en&nrm=iso). Acesso em: 17 jul. 2019.

RUSSO, K.; ALMEIDA, A. Yalorixás e educação: explicando o ensino religioso nas escolas. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 46, n. 160, p. 466-483, 2016. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0100-15742016000200466&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-15742016000200466&lng=en&nrm=iso). Acesso em: 17 jul. 2019.

SANTOS, A. O. *et al.* A história da educação de negros no Brasil e o pensamento educacional de professores negros no século XIX. In: XI EDUCERE, 2013, Curitiba. **Anais** [...]. Curitiba, PR: Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Disponível em: [https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2013/6853\\_4712.pdf](https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2013/6853_4712.pdf). Acesso em: 10 ago. 2019.

SANTOS, E. S. *et al.* Oferta de escolas do Centro de Educação Escolar Quilombola no Nordeste/BR. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 44, n. 1, 2019. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S2175-62362019000100612&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2175-62362019000100612&lng=en&nrm=iso). Acesso em: 17 jul. 2019.

SANTOS, R. S. Educação quilombola: experiências pedagógicas no Polo Educacional de Porto Nacional-TO. **Revista Tocantinense de Geografia**, Araguaína, v. 7, n. 12, p. 128-140, 2018. Disponível em: <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/geografia/article/view/5359>. Acesso em: 10 ago. 2018.



SCHOLZ, D. C. S.; SILVEIRA, M. I. C. M.; SILVEIRA, P. R. As práticas racistas no espaço escolar: a influência na saúde mental das crianças negras. **Identidade!**, São Leopoldo, v. 19, n. 2, p. 61-74, 2014. Disponível em:

<https://www.nupad.medicina.ufmg.br/arquivos/acervo-cehmob/artigos/As-praticas-racistas-no-espaco-escolar2014.pdf>. Acesso em: 10 mar. 2020.

SILVEIRA, A. C. *et al.* Preconceito racial e desempenho escolar: estudo com negros e brancos em escolas de Salvador (Ba). **Revista Internacional sobre Diversidad e Identidad en la Educación**, Espanha, v. 2, n. 2, p. 1-18, 2015. Disponível em: <https://hal.inria.fr/hal-01285596>. Acesso em: 05 set. 2018.

STEVANATO, I. S. *et al.* Autoconceito de crianças com dificuldades de aprendizagem e problemas de comportamento. **Psicol. estud.**, Maringá, v. 8, n. 1, p. 67-76, 2003. Disponível em:

[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-73722003000100009&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-73722003000100009&lng=en&nrm=iso). Acesso em 26 ago. 2020.

TURRA, C.; VENTURINI, G. **Racismo cordial**. São Paulo: Ática, 1995.

UNICEF. **A exclusão escolar no Brasil**. 2020. Disponível em:

<http://www.foradaescolanaopode.org.br/mapa-da-exclusao-escolar-no-brasil>. Acesso em: 14 maio 2020.

UNICEF. **Cenário da exclusão escolar no Brasil**. Brasília, DF: UNICEF Brasil, 2017. Disponível em:

[https://www.unicef.org/brazil/media/481/file/Cenario\\_da\\_exclusao\\_escolar\\_no\\_Brasil.pdf](https://www.unicef.org/brazil/media/481/file/Cenario_da_exclusao_escolar_no_Brasil.pdf). Acesso em: 10 ago. 2019.

UNICEF. **Panorama da distorção idade-série no Brasil**. Brasília, DF: UNICEF Brasil, 2018. Disponível em:

[https://www.unicef.org/brazil/media/461/file/Panorama\\_da\\_distorcao\\_idade-serie\\_no\\_Brasil.pdf](https://www.unicef.org/brazil/media/461/file/Panorama_da_distorcao_idade-serie_no_Brasil.pdf). Acesso em: 10 ago. 2019.

VALVERDE, D. O.; STOCCO, L. Notas para a interpretação das desigualdades raciais na educação. **Rev. Estud. Fem.**, v.17, n.3, p.909-920, 2009. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-026X2009000300019&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2009000300019&lng=en&nrm=iso). Acesso em: 10 mar. 2020.

Recebido em 07-11-2021

Aceito em 22-12-2021

